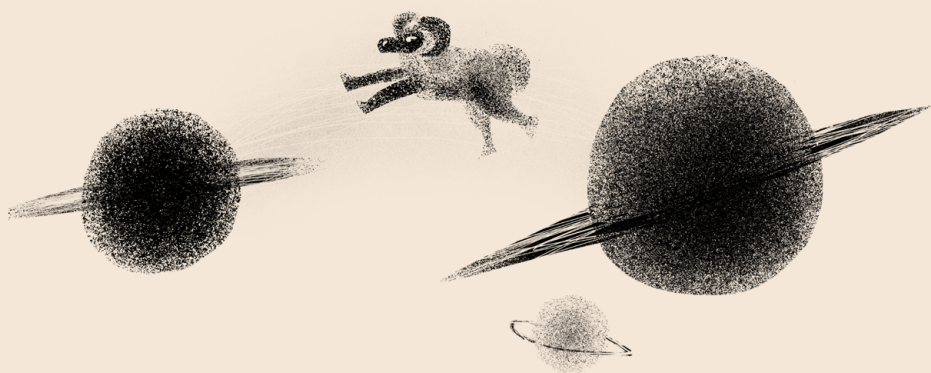


O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ –
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ – COM FERNÃO DE MAGALHÃES

DA CONSTELAÇÃO DE
ARIES | CARNEIRO – SETOR III

A exploração da constelação de ARIES | CARNEIRO – Setor III foi plena de emoções! Os integrantes da Expedição desvendaram múltiplos mistérios e transportaram inúmeros tesouros, de volta a casa.

Foi igualmente um Setor de encontros e conhecimentos, que trouxeram consigo trocas de experiências e aprendizagens mútuas, como qualquer exploração deve conter. As amizades são e foram, afinal, as maiores riquezas, mesmo que apenas quando partilhadas em histórias que se contam a amigos e companheiros.

Aspeto curioso foi o da escolha quase unânime, da parte Norte das novas terras, como início da exploração... quem sabe o que o restante dos territórios permitirá ainda encontrar?

O relato e topografia, mas sobretudo a fauna e flora, distintas e abundantes, marcaram também os relatos e as memórias dos exploradores.

*Ao anónimo anotador das descrições,
pertencem os itálicos que pontuam os textos.*

A TERRA DOS BENS ESSENCIAIS

Os vinte e seis tripulantes e o Capitão, a bordo do seu navio, foram à descoberta de terras nunca encontradas.

Após várias ameaças de tempestades e passados vários perigos, conseguimos atracar numa terra. Todos, os tripulantes e o Capitão, se distribuíram à descoberta das riquezas que por ali pudesse haver. Ao mesmo tempo que eu explorava a terra, outros iam descobrindo algodão, animais de espécie rara, óleo, metal, couro, ferro, bolotas, palha, entre outras coisas.

Após algumas horas, avisto um baú no meio do nada, com ouro, cobre, estanho, pedras preciosas e prata. Tentei pedir ajuda, mas todos estavam concentrados no que tinham encontrado e fui arrastando o baú até ao navio, onde já se encontravam alguns dos tripulantes com o que tinham trazido.

A primeira coisa que o Capitão fez, foi reunir tudo e todos à sua volta e organizar o mais importante para se levar. Foi uma decisão muito difícil, porque todos queriam levar o que encontraram, já que eram bens essenciais, que iriam dar uma melhor qualidade de vida a todos.

De regresso a casa, foram distribuídas pelas famílias, as riquezas encontradas, para que todas pudessem usufruir de uma vida melhor.

Foi necessário, após alguns meses, fazermos novamente esta viagem, por terras nunca exploradas, para encontrar mais alguns bens, enfrentando mais uma vez os perigos do mar e as tempestades...

Título: Descrição Anotada das Viagens d'O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães

Sub-título: Carneiro – Setor III

Autores: Afonso Lopes, Davi Vaz, Duarte Esteves, Eduardo Silva, Francisco Soares, Francisco Tavares, Gabriel Wernicke, Guilherme Dias, Guilherme Sousa, Inês Pinto, João Rocha, Lara Silva, Lara Sousa, Leonor Costa, Maria Cunha, Maria Inês Abreu, Mariana Vaz, Matilde Balça, Matilde Cruz, Rafael Matos, Sara Silva, Tiago Silva, Tomás Costa, Tomás Oliveira, Tomás Silva [Escola Básica de Vildemoinhos, 4.ºB (Carneiro – Setor III)]

Design e Ilustração: Miolo e Meio, Ida.

Edição e Anotações: R. M. Ribeiro

O Projeto-Piloto de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival “Mescla”, a 07/07/2019.

A Fase 1 de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” iniciou-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.

projectopatrimonio.com/o-outro-marco-polo/

Viseu. Junho, 2020.

AS ILHAS DOS CORUPUMA

Certo dia a turma, juntamente com o seu Capitão, iniciou uma viagem pelos mares perigosos, à procura de novas terras. Passados alguns dias de navegação avistaram ao longe uma ilha e rumaram em direção a ela. Quando lá chegaram o Capitão ordenou que os tripulantes se separassem e fossem à descoberta da ilha.

A mim calhou-me a parte sul e assim começou a minha exploração. Após alguns metros encontrei um puma com asas de dragão e olhos de coruja, que habitava numa caverna. Como me pareceu um animal dócil, dei-lhe o nome de “corupuma”. Depois de algumas tentativas consegui subir para cima dele e lá fomos nós a voar, para assim eu ficar a conhecer melhor aquela parte da ilha.

Vi muitas coisas, umas pouco interessantes, outras muito curiosas. Levou-me até uma ilha flutuante. Nessa ilha havia muitos dragões “corupuma”. Eles nasciam de ovos gigantes e coloridos. Como tive muita curiosidade, peguei num e levei-o, para mais tarde mostrar aos meus amigos.

Continuando a viagem de volta para a ilha em cima do “corupuma”, avistei ao longe um enorme campo de árvores de fruta variada e diferente do que estava habituado a ver. Pedi-lhe que me deixasse ali e despedi-me. Decidi tirar fotografias daquelas lindas árvores, para mais tarde mostrar aos tripulantes. Também provei alguns frutos exóticos. Eram deliciosos!

Como ainda tinha um tempo antes de anoitecer, dei mais uma volta por aquele lugar. Descobri uma floresta muito silenciosa, à qual dei o nome de “Floresta do Suspiro”, pois não conseguia ouvir mais nada, além da minha respiração. Aquele lugar estava deserto, não se ouvia um único animal e até as árvores pareciam tristes. Não gostei daquele lugar e como já se fazia tarde, decidi ir embora rumo ao meu barco.

Quando lá cheguei já estavam à minha espera. Todos estávamos curiosos para ouvir falar das descobertas uns dos outros.

Foi uma aventura incrível!

OVELHEIRA

A viagem começou num dia de Sol em direção à ilha da Madeira. Tudo corria como previsto, cada marinheiro ocupava a sua posição e velejávamos a uma bela velocidade. Como por magia, um misterioso nevoeiro abateu-se sobre a nau, não se via um dedo à frente do nariz. Como se isso não bastasse, o vento começou a soprar violentamente. Eu mantive a calma e comecei a bolinar para tentar sair dali. Os meus camaradas tentavam manter a embarcação inteira e pareciam formigas nos seus afazeres. Uns minutos mais tarde, que bem pareceram horas, encontrávamo-nos em mar alto sereno e novamente com Sol.

O vigia gritou: – Terra à viiiiista!

Eu, confuso, tentava localizar essa ilhota nos mapas e nada! Ela pura e simplesmente não aparecia, aliás estávamos muito fora de rota. Avançámos, descemos os botes e dirigimo-nos à praia. A ilha estava coberta de uma areia fina muito branca, que quase parecia neve. Na parte central da ilha, havia árvores altas e montanhas que se pareciam com ovelhas. Montámos acampamento e decidi explorar. A ilha não era muito grande. Não encontrámos nativos, mas por outro lado, encontrámos ovelhas de todos os tamanhos, cores e feitios. Por esse motivo decidi batizar a ilhota de Ovelheira.

Eu e os meus camaradas decidimos apanhar uma ovelha de cada cor para trazer para o continente isso é que seria descoberta. Ovelhas azuis? Amarelas? E cor-de-rosa? Nunca ninguém tinha descoberto isso de certeza. Apanhámos as ovelhas e voltámos para a praia.

Durante a noite um ruído ensurdecedor acordou todo o acampamento um dragão atacava furiosamente as nossas jaulas de ovelhas. Decidimos lutar e zarpar dali enquanto podíamos. Já longe da ilha o misterioso nevoeiro voltou, acompanhado por uma chuva intensa. A noite estava tão escura que não conseguíamos ver nada.

De manhã já depois de várias horas de viagem, qual não foi o meu espanto quando reparei que só tínhamos ovelhas brancas... A cor tinha desaparecido com a chuva e a nossa descoberta tinha ido por água abaixo, como por magia, e estava agora espelhada nas nuvens num belo Arco-Íris.

ILHA VERDE

As primeiras semanas da viagem começaram por ser tranquilas, mas a certa altura atravessámos uma valente tempestade, que nos fez sair da nossa rota. Na manhã seguinte, ouvimos o capitão a gritar a plenos pulmões: – Terra à Vista! Tratava-se de uma ilha de pequena dimensão que não constava dos mapas oficiais. Deu-nos ordens para, em três dias, explorar toda a ilha e descrever o que tínhamos encontrado. E aí fomos nós em quatro barcos a remos até à costa da ilha, à qual chamámos “Ilha Verde”.

Havia praias lindas e de areia branca, com águas límpidas e cheias de peixes exóticos, com muitas palmeiras e coqueiros. Aparentemente aquela ilha já tinha sido habitada, pois encontrámos casas de pedra em ruínas e muitos vestígios de presença humana. No entanto, não encontrámos qualquer pessoa...

Faltava explorar a parte central que era preenchida sobretudo por uma montanha de densa vegetação verde e de elevada altitude. Pelas minhas contas tinha pelo menos 1.400 metros de altitude! Depois de acamparmos na praia, na manhã do segundo dia pusemos pés ao caminho e quisemos admirar a vista do cimo da montanha à qual demos o nome de “Monte Fernão”. Fomos encontrando aves de lindas cores, esquilos, cobras, rãs e pequenos macacos de várias espécies que habitavam as árvores da ilha e se alimentavam sobretudo dos seus frutos. Mas continuámos sem ver qualquer humano.

Lá conseguimos chegar ao topo. Reparámos que a montanha acabava numa enorme cratera de um vulcão. A dada altura sentimos a terra debaixo dos nossos pés a vibrar de forma preocupante. Percebemos nesse momento que a ilha deixara de ser habitada provavelmente devido a alguma erupção passada e que estávamos prestes a presenciar uma nova.

De repente o vulcão começou a expelir gases a grande altura e a fazer um barulho tremendo. Mal tivemos tempo de zarpar dali para fora e até hoje desconhecemos se aquela ilha situada em pleno Oceano Pacífico continua a existir.

O CONTINENTE DESCONHECIDO

Num dia de muita chuva e muito vento fomos até um continente desconhecido. Quando chegámos, o capitão disse para nos espalhar-mos pelo continente e irmos explorá-lo. Escolhi uma área e comecei a minha descoberta.

Ao longe conseguia ver dinossauros, aproximei-me mais um pouco e um dinossauro voador estava a passar por cima de mim, passei por todos eles e muito mais à frente encontrei três casas juntas feitas em madeira e com desenhos de vários dinossauros. Entrei primeiro na casa do meio, bati à porta e ninguém abriu, mas eu consegui deitar a porta abaixo e assustei-me com um dinossauro feito em papel. Subi as escadas e caí da casa abaixo. Seguidamente fui à casa do lado esquerdo, abri a porta e lá estava um dinossauro verdadeiro. Subi as escadas e encontrei mais três dinossauros a treinarem algumas habilidades que só eles sabem fazer. Parti logo a parede e saltei.

Fui então até à última casa, era uma armadilha porque era feita de cartão. Voltei atrás até aos dinossauros peguei em comida e eles vieram atrás, deitaram-me ao chão e eu atirei a comida até às casas. Os dinossauros foram a correr e apanharam-na. Quando cheguei reparei que três dos dinossauros tinham os olhos inchados, e ao meu lado conseguia ver uma nave espacial com mais cinco dinossauros e o mestre dos dinossauros.

Andei catorze metros para a frente e encontrei uma cria de dinossauro abandonada, peguei nela e trouxe-a para junto dos outros dinossauros – que agradeceram a minha gentileza.

Após esta estranha aventura voltei para o meu barco, onde já me esperavam alguns tripulantes. Esta viagem foi impressionante e assim fiquei a saber como era aquele pedaço do continente e também gostei de saber as descobertas que os meus amigos tinham feito.

A TERRA NOVA

(Os marinheiros preparavam -se para partir em busca da Terra Nova. As naus estavam prontas, as despedidas estavam feitas, os corações apertados já de saudade, mas cheios de curiosidade.)

Partimos. Demorámos cinquenta dias até a encontrar. A Terra Nova era especial, diferente de tudo o que tínhamos visto. Atracámos as naus e o Capitão disse:

– Vamos conhecer esta terra!

Dividiu-nos em grupos e indicou-nos as direções: Norte, Sul Este e Oeste para os primeiros quatro grupos. Sudeste e Nordeste para os seguintes.

Vimos de tudo um pouco: plantas, flores, animais, frutos, tantas e tantas coisas maravilhosas para levar de volta, na viagem de regresso a casa.

Já no mar, trazíamos novidades e uma vontade enorme de contar esta grande aventura. Com isto, ficara a curiosidade de, no futuro, voltarmos. Talvez numa outra expedição a partir à descoberta de latitudes e longitudes desconhecidas e assim podermos encontrar mais uma Terra Nova.

A ILHA ESQUISITA

Após uma longa viagem em alto-mar, avistámos ao longe uma ilha e decidimos ir em sua direção. Quando chegámos àquela ilha desconhecida, distribuímo-nos e fomos à descoberta.

Assim que comecei a minha caminhada vi uma flor muito esquisita que se chamava “Cranhosa”, pois era carnívora. Como sou curioso, decidi procurar as coisas mais esquisitas lá existentes. A ilha era em forma de escadas e vi uma montanha de algodão doce.

Estava a caminhar para perto da montanha quando vi um animal. O animal era branco tinha quatro cabeças, nove patas, pintas laranjas e vermelhas, chamava-se Castanheiro.

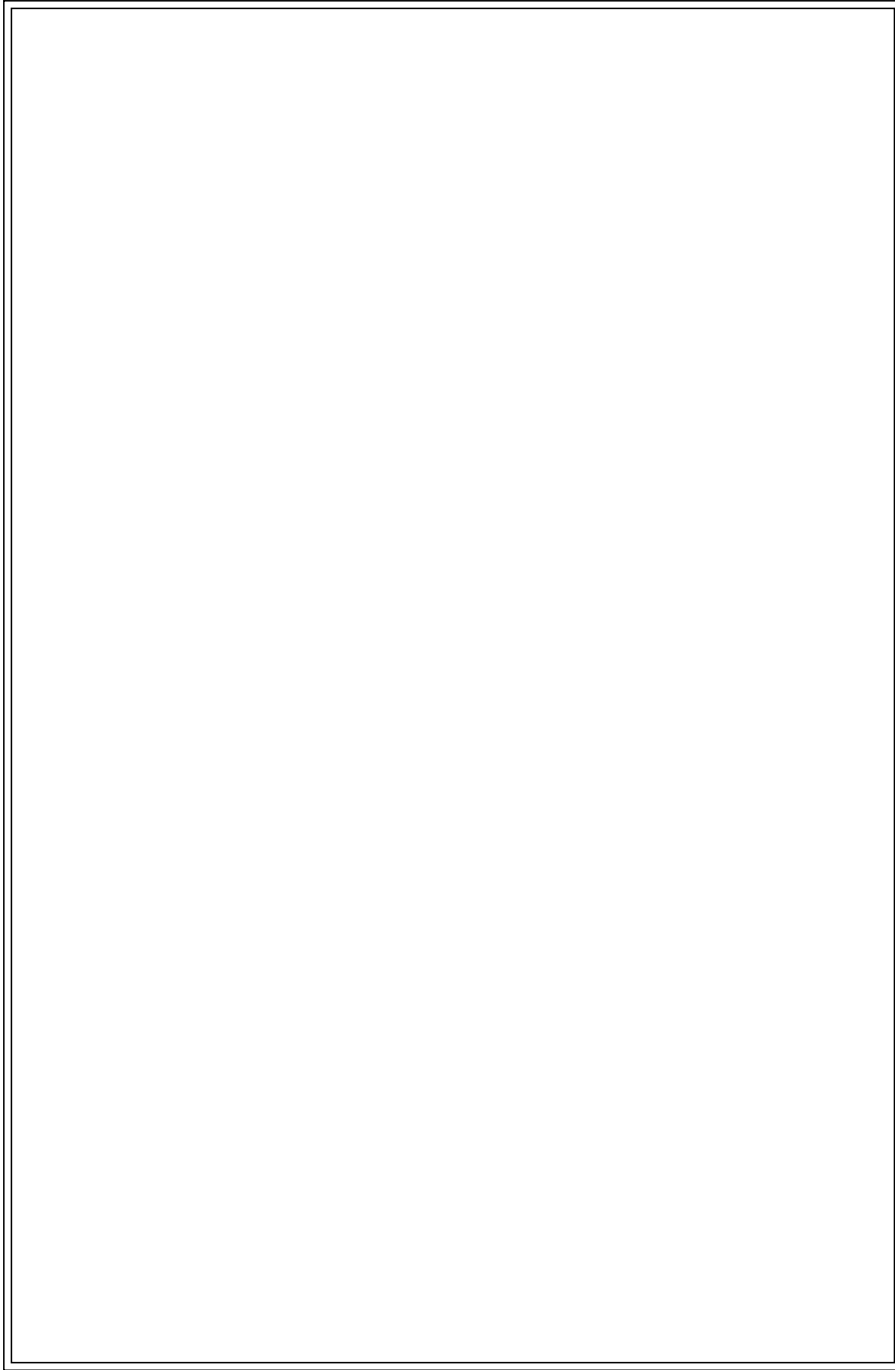
De repente começou a trovejar, procurei uma caverna para me abrigar. Enquanto estava à procura, fui apanhando ramos de árvores para fazer uma fogueira. Quando finalmente descobri a caverna, acendi uma fogueira para me secar e assim ficar mais aconchegado. Eis que, subitamente, apareceu um homem que me apagou a fogueira e eu assustei-me. Ele tinha olhos azuis, cabelo curto e pele escura, era indiano. Tinha roupas largas de cor laranja. Disse-me para não me assustar, mas naquela ilha não se podiam fazer fogueiras, pois poderiam despertar algum dragão adormecido.

Quando parou de trovejar levou-me até a outra parte da ilha, e aí, vi coisas que eu nunca imaginei. Havia uma avestruz que voava, um dragão que andava na água, um gato voador, um elefante marinho, um tubarão com pernas e muito mais.

O indiano disse-me que eu era o escolhido para os ajudar a salvar a ilha, caso contrário a ilha seria inundada. Para isso eu tinha de comer algum algodão doce para que um mecanismo da montanha fosse ativado e assim poderia evitar que a ilha fosse inundada.

Então lá fui. Subi à montanha de algodão doce. Cheguei ao cume, tirei um bocadinho do algodão doce e lá estava. Cumriu-se o que me tinha dito o nativo daquela ilha. No entanto, uma grande parte da ilha já estava inundada e eles tiveram de ir viver para o cimo das montanhas.

Quando decidi regressar, eles deram-me mantimentos para a viagem e assim continuei o meu caminho de aventuras.



A ILHA DOS BOBS

Atraquemos! – Disse o Capitão.

O Capitão mandou-nos separar pela ilha que encontrámos. Era um clima muito frio e, logo à minha frente, vi uma montanha coberta de neve e decidi ir até lá.

Era uma montanha muito grande. Decidi chamar-lhe Monte Bananoide. Neste monte avistei uma flor que nunca tinha visto. Essa flor era grande, tinha o caule branco, as folhas eram pretas e o restante era vermelho. Reparei que tinha dois traços pretos no centro por isso chamei-lhe Planta ChinCa.

Mais à frente, encontrei um animal grande, decidi ver ao perto. Tinha quatro patas, dois cornos na cabeça, pelo branco com malhas pretas e dizia “bob bob” por isso chamei-lhe Bob.

Quando cheguei ao topo vi um planalto cheio de Plantas ChinCas ao qual dei o nome de ChinCada. Logo depois vi um outro planalto com um conjunto de Bobs, ao qual decidi chamar Bobista.

Começou a nevar e, rapidamente, tudo se transformou num manto branco. Era uma paisagem magnífica de se ver. Agora apenas se visualizavam os meus passos impressos na branca e fofa neve. Enquanto me deslocava observei ao longe um conjunto de Bobs que se divertiam na neve.

Como estava tanto frio, o capitão chamou-nos e tive de voltar para o barco. Tínhamos de embarcar e irmos ancorar noutras paragens.

MAREDA

Certo dia, estávamos na nau à procura de terras novas, quando vi uma ilha ao longe. Naquele momento estava muito ansioso por ir explorar aquela ilha. Quando lá cheguei, logo pus os pés na areia e comecei a explorar.

De início vi muitos animais exóticos, havia espécies de pássaros que nunca ninguém tinha visto. Aquilo era fascinante! Logo a seguir andei mais um pouco e vi uma coisa muito estranha, estava lá um laboratório que pertencia a um cientista maluco. Na porta tinha redes de ferro com uma placa a dizer: “Por favor não entre, perigo!”. Fiquei com medo porque ele podia fazer-me alguma coisa, então decidi ir para longe do laboratório e construir uma barraca.

Fiquei lá uns dias a viver até que aconteceu o que eu não queria, o cientista estava a andar pela ilha e viu a minha barraca. Quando ele lá chegou eu estava a ler quando ouvi:

– Truz, truz...

Com medo, escondi-me no guarda-roupa e não abri a porta. Ele já sem paciência pegou numa pedra e atirou-a contra a porta e partiu-a. Entrou e começou a procurar alguém. Procurou em todos os lugares menos onde eu estava, até que... me encontrou, perguntando-me o nome e o motivo de ali estar. Eu respondi e perguntei qual era o nome dele... Disse que era Bob

Depois tivemos uma longa conversa e como eu queria explorar mais aquele lugar, perguntei ao cientista se ele me podia fazer uma visita guiada. Ele aceitou. Nessa visita vi macacos, pássaros de muitas cores, leões, tigres, hipopótamos, crocodilos e muito mais.

No fim de toda aquela exploração questionei o cientista sobre qual o nome que gostaria de dar aquela ilha, já que ele foi o primeiro habitante. Depois de algum silêncio escolheu o nome “Mareda”. E assim ficou.

Despedi-me dele e voltei para a minha nau e parti à descoberta de novas terras.

A ILHA ENCANTADA

Estávamos a passar tempos maravilhosos, nesta viagem marítima quando, de repente, se instalou uma tempestade. Caíram muitos relâmpagos no mar e era assustador. A caravela começou a girar. Girou tanto que perdemos a nossa bússola. Já não sabíamos para onde ir. Os meus amigos e eu começámos a ficar aflitos, até que de repente gritámos: Terra à vista! Terra à vista! Resolvemos atracar a caravela. Saímos, e fomos explorar aquele sítio.

Quando parou a tempestade, encontrámos a nossa bússola e a primeira coisa que vimos foram várias flores. Em cima delas, estavam gnomos, que são criaturas muito pequeninas. Logo a seguir, vimos também fadas voadoras que eram as criaturas mais queridas que eu já tinha visto!

Quando começámos a ir para Norte, tudo parecia assombrado. O meu amigo André lembrou-se logo das bruxas. Reparámos que afinal havia mesmo bruxas voadoras naquele sítio. Dirigiam-se para uma grande gruta. A vassoura é o utensílio mais importante para uma bruxa. Ficámos intrigados e resolvemos segui-las. Quando entrámos na gruta levámos com uma chuva de morcegos!

Depois de andarmos muito, avistámos as bruxas à volta de um grande caldeirão. Fugimos todos a sete pés. Corremos, corremos, corremos até encontrarmos a nossa caravela, e em grande velocidade, voltámos para a nossa terra.

Esta nossa aventura foi maravilhosa, apesar de assustadora, conseguimos ver criaturas muito raras. A propósito: esta ilha chamava-se “A Ilha Encantada”.

A ILHA DOS VESTÍGIOS

Num belo dia de sol, eu e a tripulação estávamos a navegar quando, de repente, avistámos terra. Atracámos o navio na praia e, a mando do Capitão, dividimo-nos e fomos explorar aquele lugar. Íamos ficar vários dias.

Eu fui à frente. Encontrei várias montanhas e resolvi subir à mais alta. Encontrei um sítio com muitas cruzes, armas e armaduras num terreno vazio. Noutro sítio vi uma floresta enorme e seis grutas. Trilhei mais caminho e observei, ao longe, um templo. Peguei numa espada atravessei a floresta e entrei no templo. Já lá dentro, vi imagens de guerras e, ao fundo, vi um triângulo muito suspeito. Dava a entender que aquele sítio tinha sido habitado por várias tribos. Despachei-me a sair do templo e fui buscar um machado e uma picareta e comecei a construir um casebre com paredes de pedra e telhado de madeira. Com lianas secas e madeira fiz uma cama e uma fogueira. Seguidamente fui à gruta e encontrei carvão e ferro. Com uma pedra, um pau e uma pedra de carvão fiz uma tocha, criei uma mesa no meu abrigo e assim passei a ter mais comodidades, enquanto estivesse naquele local.

Num outro dia, decidi voltar para o terreno das cruzes que tinha visto antes, pois fiquei muito curioso com o que tinha observado. Enquanto lá estive fiz vários registos para um dia juntar às minhas memórias de viagens. Voltei para o meu abrigo e enquanto caminhava, chutei uma pedra e, de repente, o chão da montanha abriu-se e um buracão enorme apareceu, era um vulcão inativo, por pouco não era engolido por ele.

Quando já não tinha mais nada para explorar, desmanchei o casebre, meti-o na cave da nau, onde já me aguardavam. Parti juntamente com os meus amigos, de regresso a casa, ansiosos por partilhar tudo o que tínhamos visto.

A ILHA DAS TARTARUGAS

Há muito tempo atrás, eu e os meus amigos marinheiros embarcámos numa aventura marítima! A certa altura chegámos a uma ilha. Vimos que era uma ilha gigantesca e decidimos separarmo-nos.

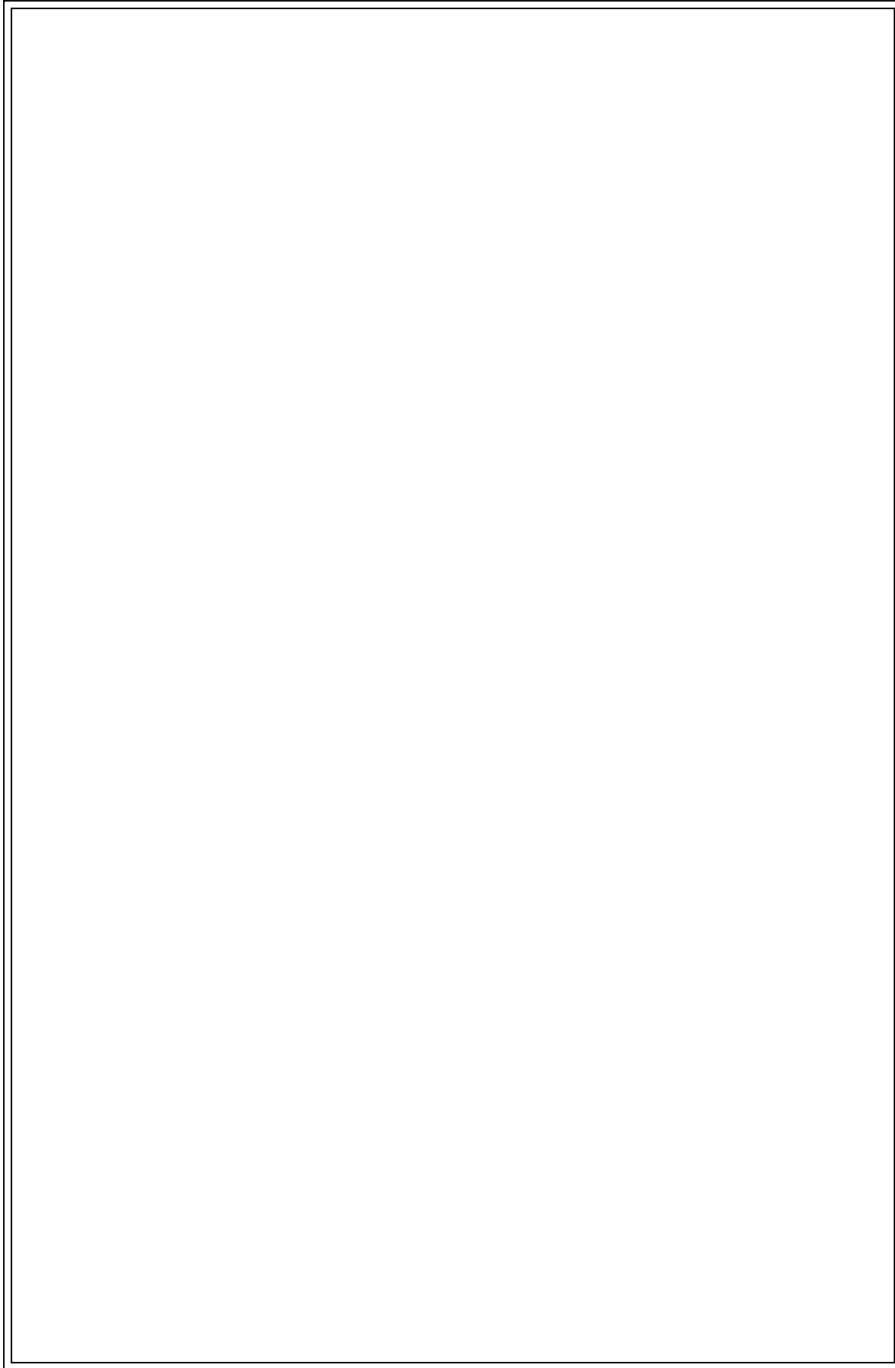
Ao longe, avistei uma árvore muito bonita, grande e com uma copa muito frondosa. Decidi aproximar-me devagar, pois nunca tinha visto uma árvore assim. O tronco tinha musgo, era roxo como as violetas e tinha ramos tão pequenos como o meu dedo mindinho. Decidi dar-lhe um nome, assim não me iria esquecer, então, batizei-a com nome de “Árvore Misteriosa”.

Andei mais um pouco e vi um navio velho com esqueletos e musgo. Lá dentro havia uma tartaruga que estava presa com as cordas do navio e fui ajudá-la. Dei-lhe o nome de “Torta”. “Torta” porque a carapaça parecia uma torta merengada.

Mais ao fundo havia um baú castanho, antigo, com ferrugem, mas com fivelas douradas como ouro reluzente. Abri e havia um tesouro brilhante pois tinha ouro, prata e diamantes. Fiquei quase cega com tamanho brilho!

Não peguei nos tesouros, preferi ir atrás da tartaruga que nadava depressa. Ela levou-me a um sítio onde só havia tartarugas como ela. Brinquei com todas elas e dei-lhes nomes. Como já era tarde, tive de me ir embora.

Foi uma grande descoberta e fiz novos amigos!



O TERRITÓRIO HABITADO

Numa tarde de outono, estava com a minha tripulação dentro do barco que nos costumava levar por mundos desconhecidos.

Após vários dias a navegar em alto mar decidimos aproximar-nos da costa para ver se descobríamos alguma coisa. E assim foi. Quando avistámos terra parámos e cada um foi à descoberta de um pedaço daquele sítio desconhecido. Eu desloquei-me para Norte e fui investigar. Apercebi-me de que afinal era uma ilha. Uma ilha plana e com muita vegetação. Encontrei uma planta muito estranha. Curiosa, fui vê-la de perto e apercebi-me era azul e tinha bolinhas cor-de-rosa, mas era venenosa. Não lhe toquei e segui caminho. Pelo trajeto fui registando tudo o que de interessante via.

Como já estava a ficar escuro e frio, fui procurar um sítio para me abrigar. Ao longe avistei umas luzes que brilhavam. Aproximei-me e vi que era uma casa. Abri a porta e, para meu espanto, lá dentro estava uma menina deitada. Gritei cheia de medo e ela acordou muito surpreendida. Perguntou quem eu era e o que fazia ali.

– Eu sou a Lara e ando a investigar este território – informei.

– Eu sou a Íris e esta é a minha ilha!

Pedi desculpa por invadir o seu território, mas expliquei que quando estávamos a navegar, nos tínhamos dirigido para ali, de modo a explorar o local. Disse-me que não ficava zangada, já que gostava de companhia e há muitos anos que não via ninguém.

Contou-me a sua história. O navio onde seguia há muito tempo atrás, naufragou e veio parar sozinha a esta ilha deserta e ali tinha ficado durante este tempo todo. Fiquei por ali essa noite e perguntei-lhe se não queria vir connosco no dia seguinte e começar uma nova vida. Ela concordou e assim construímos entre nós uma grande amizade que ainda hoje prevalece.

No dia seguinte fomos ao encontro da minha tripulação. Conteí-lhes a história da Íris, eles acolheram-na e seguimos viagem.

A ILHA DO PEDRO

Durante a viagem fomos avistando muitas espécies no mar, baleias gigantes e algumas sereias. Ao fim de alguns dias, avistámos finalmente uma ilha. Decidimos atracar e explorar! A ilha era muito verde e também montanhosa, estávamos ansiosos e, ao mesmo tempo, com algum medo do que poderíamos encontrar.

Durante o caminho ouvimos um barulho estranho, de algo a aproximar-se de nós! Por fim, demos conta que era uma pessoa como nós, apenas com pouca roupa e com cabelos muito compridos. Era um rapaz muito simpático que se chamava Pedro. Depois de o conhecermos foi-nos mostrar a casa dele. Era completamente diferente das nossas casas, vivia em cima de uma árvore. Decidimos continuar a explorar a ilha na companhia do Pedro.

Vimos vários animais. Um deles era realmente assustador, tinha duas cabeças e era enorme! Outra espécie estranha era um pássaro com três asas e uma cabeça enorme, alimentava-se de pequenos insetos e folhas. As plantas eram gigantes e algumas assustadoras, outras bonitas, mas aquilo de que gostámos mesmo foi de encontrar uma cascata com água muito limpinha e transparente. Encontrámos pedras dentro da água. Pareciam ser valiosas e resolvemos levar algumas. Depois de algum tempo a brincar na água ficamos com muita fome e fomos à procura de alimentos! Havia árvores com frutas muito estranhas, mas com ajuda do Pedro foi mais fácil saber o que podíamos comer ou não. O Pedro deixou-nos também levar algumas para a nossa terra. As frutas de que mais gostei eram parecidas com ananás, mas em vez de ser amarelo e verde era vermelho e castanho. Era delicioso.

Divertimo-nos tanto a conhecer esta ilha, que nos estávamos a esquecer de perguntar ao Pedro se queria regressar connosco para a nossa terra. Ele respondeu logo que não, pois vivia num paraíso e queria lá ficar para sempre junto dos seus amigos, os animais. Partimos da ilha com muita pena, mas tínhamos de continuar a nossa viagem à descoberta de outras novas ilhas!

A ILHA DA MONTANHA

Num belo dia de primavera lá fomos mar fora, nós e o Capitão Faustino. A determinada altura, durante a viagem, começou a aparecer muito nevoeiro e perdemo-nos no mar. Ficámos assustados e com medo, mas como estávamos todos juntos foi mais fácil, porque nos ajudámos uns aos outros.

Caiu a noite e decidimos dormir, quando acordámos estávamos junto de uma ilha. Foi nessa altura que decidimos ir explorá-la e combinámos cada um ir por seu caminho e depois encontrávamo-nos no cimo da montanha.

A ilha era bonita, cheia de árvores e flores magníficas. A água do mar era azul e muito limpinha, o que permitia ver os peixes dourados.

Eu fiquei maravilhada com o que estava a ver, então decidi caminhar à beira mar antes de subir à montanha. Na verdade, não queria sair junto da água, mas tinha de ir ter com os meus colegas. Foi então que comecei a caminhar pela ilha em direção à montanha.

A minha aventura pelo meio da ilha fez-me perceber que as árvores e as flores eram ainda mais bonitas e maravilhosas do que quando eu as vi do barco. As árvores parecia que faziam magia ao abanar os seus ramos e folhas. As flores eram de muitas cores como o arco-íris e brilhavam como luzes no caminho.

Como por magia e sem me aperceber cheguei ao cimo da montanha e o mais espetacular é que eu e os meus amigos chegámos todos ao mesmo tempo. Partilhámos entre nós as nossas histórias e decidimos ficar na ilha para sempre.

{Infelizmente tínhamos de regressar mas acampámos e pudemos ficar alguns dias mais.}

A TERRA DO POVO CONTADOR DE HISTÓRIAS

{Parámos para recolher provisões num território novo. Foi lá que encontramos um povo muito afável, que nos contou da única outra vez em que tinham recebido viajantes. Contaram a história como se tivesse sido com outros, que não com esse povo:}

Numa manhã de tempestade com muito nevoeiro, um barco que navegava há já vários dias, encalhou junto à costa. Os tripulantes, que nele navegavam, viram que estavam perto da costa e decidiram deslocar-se até lá a nado. Logo avistaram uma extensa planície para onde se dirigiram.

Ao seu encontro veio um povo indígena que parecia perigoso. Estavam vestidos com peles de animais, traziam flechas e tinham a cara pintada. Quando os tripulantes os viram, assustaram-se, mas mantiveram-se calmos e após algumas tentativas de entendimento, ofereceram-lhes vestuário, calçado e algumas especiarias que traziam no barco. Logo se iniciou um diálogo e entendimento entre todos.

Como agradecimento, o povo indígena convidou-os a ficar com eles e a conhecer um pouco daquela região. Lá puderam observar enormes cascatas de água cristalina, rios de grande caudal, plantas exóticas e vários animais selvagens como: javalis, gazelas, raposas, macacos, salamandras, etc.

Passaram-se vários dias de descobertas e troca de saberes entre culturas.

Entretanto, como os navegadores queriam seguir a sua viagem para descobrirem novas terras, para além desta que conheceram por acaso, pediram àquele povo se os ajudavam a descalhar o barco. E assim foi! Após várias tentativas, lá conseguiram o que pretendiam.

Como agradecimento pela hospitalidade, os tripulantes durante o tempo que estiveram lá, ensinaram o povo a ler e a escrever e este deu-lhes a conhecer as suas crenças, valores e tradições.

Chegada a hora da despedida, os tripulantes tiveram direito a uma festa tradicional do povo indígena. E lá partiram rumo a novos horizontes!

A ILHA DO TESOURO

A frota iniciou a sua viagem, mas logo na primeira noite, deparou-se com uma grande tempestade que fez estragos em alguns navios. A chuva e o vento empurraram-nos para uma ilha sinistra.

Lá, havia várias pessoas a cantar músicas tradicionais e a dançar. Exibiam trajes exuberantes. Era um povo amistoso e simpático que nos fez sentir como se estivéssemos em casa, junto à família.

Pela manhã fomos convidados pelo chefe da tribo a conhecer a ilha, o que aceitámos com uma enorme felicidade. Passámos por montanhas, vales e acabámos a mergulhar numa maravilhosa cascata, onde as águas eram tão límpidas que se observava o fundo.

– Esperem! Que luz é aquela a brilhar por trás da cascata? – Inquiriu Cristóvão, um dos exploradores.

Navegadores e curiosos como eramos, à procura do mistério e da descoberta, decidimos enfrentar o perigo e avançar por entre as águas. Descobrimos uma gruta.

– Uau! Está ali um baú! – Exclamou Merino, um outro membro da tripulação.

Com grande entusiasmo, decidimos abrir o baú e encontrámos um mapa que indicava o caminho para um tesouro enterrado na ilha. De imediato, seguimos a direção indicada no mapa e rapidamente chegámos ao tesouro.

Eufóricos, desenterrámos o tesouro e encontrámos uma mala cheia de moedas de ouro. Transportámo-lo para a aldeia e, na presença do chefe da tribo, distribuímos-lo por todos os elementos da população.

Nessa noite fomos convidados para um enorme jantar, onde convivemos e dançámos até de madrugada, ao som de músicas locais.

Na manhã seguinte, despedimo-nos da ilha e partimos para novas aventuras.

O TÚNEL DO BARCO ENCALHADO

Enquanto percorria a costa da terra à qual tínhamos acabado de chegar, vi um barco encalhado. O barco era alto e eu não sabia muito bem como fazer para chegar até ao convés. Por sorte tinha algumas cordas dependuradas, engatinhei-me nelas e lá cheguei ao convés.

Percorri todo o convés até que vi umas escadas e resolvi descê-las, numa grande escuridão. Dei um salto e em passo de corrida quis voltar atrás, mas tropecei em algo que estava no chão, dei um grito e quase ia caindo, mas lancei as minhas mãos aos apalhões e de repente fez-se luz. Tinha tocado numa escotilha e esta abriu-se repentinamente fazendo chiar as dobradiças enferrujadas. Olhei em frente e vi que esta janela dava passagem para um túnel, aparentemente secreto. Comecei a percorrê-lo e via-se ao longe uma luz.

Quando lá cheguei, tinha ido parar a uma pequena ilha com umas quatro ou cinco palmeiras, dois coqueiros, um pequeno mas denso canavial e alguns destroços a boiar. Entrei na água com cautela, na tentativa de chegar à ilha, mas rapidamente verifiquei que tinha pé e, na minha deslocação encontrei um baú que flutuava na água, entre paus, tábuas e outras coisas. Assim que cheguei à ilha, fui para debaixo de uma palmeira, pois estava calor e já estava um pouco cansada. Resolvi então abrir o baú. De lá de dentro saiu um pequeno rolo de papel. Desenrolei-o e nele estavam desenhados dois coqueiros, a meio deles uma rocha e ao lado uma cruz. “– Será o mapa do tesouro?” – Pensei.

Escavei a areia com as mãos e com a ajuda de um pequeno pau. De repente vi uma caixa, com muita ansiedade e com o coração aos pulos abri a tampa e não podia acreditar... lá dentro cintilavam dobrões de ouro, pedras preciosas, magníficos colares, pulseiras e brincos dignos da mais digníssima rainha. “– Estou riiiiccaa!!! (– Matilde, levanta-te, está na hora de ir para a escola! – ordenou a minha mãe.)

O COFRE FLUTUANTE

{Numa das etapas da viagem, encontrámos um cofre a flutuar na água. Lá dentro havia um rolo de papel com o seguinte texto.}

Há muito tempo atrás, viviam numa ilha pequena cinco marinheiros e um capitão. Como a monotonia já se apoderava deles há algum tempo, o capitão resolveu chamar os seus marinheiros e dizer-lhes:

– Meus marinheiros, vamos navegar por esses sete mares e tentar encontrar uma nova ilha para explorar.

E assim foi! Enquanto navegavam pelos mares veio uma tempestade muito forte que os conduziu a uma ilha estranha. Ainda confusos com a situação, o primeiro marinheiro disse:

– Onde é que estamos?

O capitão perguntou o mesmo, mas ficaram muito felizes por terem encontrado uma nova ilha. Como já estava a escurecer ficaram no barco, mas no dia seguinte decidiam ir investigar. Logo que pisaram terra, o segundo marinheiro encontrou uma planta muito estranha, à qual deu o nome de “dorminhoca” porque as suas folhas estavam sempre a dormir. O terceiro marinheiro encontrou um animal estranho. Ao olhar atentamente para ele decidiu dar-lhe um nome de “colorido” porque tinha muitas cores. O quarto e quinto marinheiros descobriram uma casa abandonada e foram ver se estava lá alguém. Quando entraram na casa viram uma bruxa já muito velhinha que tinha nas suas mãos um cofre muito antigo. Assustados, fugiram e foram chamar o capitão e os outros marinheiros.

– Venham! Venham! Venham ver o que nós encontramos – disseram os dois marinheiros em coro. Ao chegarem à casa abandonada, a bruxa já lá não estava, mas deixou ficar o cofre e um bilhete que dizia:

“Abram o cofre e que sejam muito felizes com esse tesouro. Assinado: Bruxa”

Os marinheiros e o capitão abriram o cofre e viram um tesouro enorme. Quando voltaram para o barco levaram a planta dorminhoca e o animal colorido. E assim o capitão e os marinheiros viveram “Uma grande aventura” e partiram em descoberta de novos sítios.

A ILHA DOS MILAGRES

Há já vários dias que navegava pelo mar à procura de uma ilha, quando avisto outro barco que tinha o nome de “Noé”. Aquele barco tinha muita variedade de animais e plantas e o seu capitão procurava, tal como eu, terra.

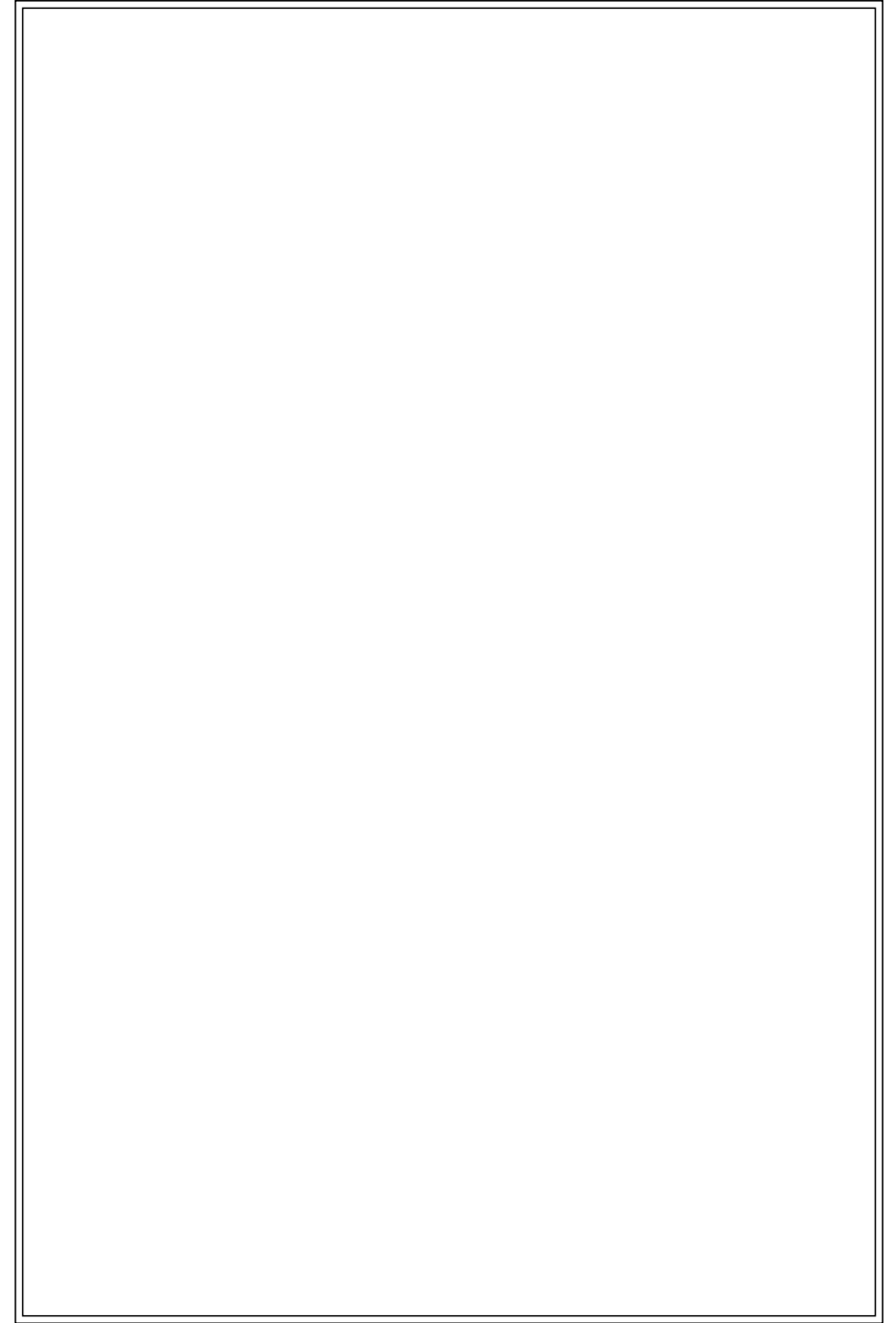
Quando me apresentei, recebi um pedido de ajuda: “Os animais precisam de água potável”. Como ainda tinha muita, partilhei-a com eles e eles partilharam comigo algumas das suas sementes comestíveis.

Os animais eram muito simpáticos, mas a nossa preocupação era chegar a terra. Até que, a girafa Cristal avistou a Ilha dos Milagres. Para alegria de todos, chegámos. Felizes, fizemos uma grande festa e até tivemos a companhia dos golfinhos que nos vieram visitar.

Na ilha encontrei outros animais como tartarugas as quais ajudei a levar à água.

Fomos com o capitão explorar a ilha até que encontrámos uma casa para descansar um pouco da nossa viagem.

Mais tarde decidimos aproveitar as sementes do barco do capitão e semeá-las na ilha. Das sementes viriam a nascer lindas plantas, para a tornar ainda mais encantadora.



URSIDÓNIA

Num dia de sol avistámos um continente que não aparecia no mapa. O Capitão informou que iríamos atracar ali.

Quando lá chegámos, o Capitão disse que nos devíamos separar, porque o continente parecia ser gigante. Eu fui mais para Norte e lá havia uma grande floresta onde só viviam animais estranhos. Alguns deles tinham cinco olhos e quatro cabeças todas iguais.

Mais à frente, encontrei um grande buraco e lá dentro havia um tesouro que continha várias moedas de ouro. Levei todas as que consegui no meu bolso!

Andei uns metros mais e avistei várias casas onde estavam pessoas muito diferentes. Aproximei-me do prédio mais pequeno onde se encontrava um senhor a vender animais, que por coincidência eram os animais de cinco olhos e quatro cabeças. Fui ter com o senhor e perguntei-lhe o nome daquela aldeia. Ele disse que se chamava Ursidónia, porque aqueles animais se chamavam assim.

Perguntei-lhe, se em troca de ouro que tinha encontrado, vendia aqueles animais peculiares. O senhor incrédulo afirmou que sim e gritou:

– Estou rico!

Voltei para o barco e toda a tripulação ficou curiosa e espantada com a descoberta. Decidimos em conjunto que iríamos dar a conhecer estes animais únicos a todos os outros povos do mundo.

A ILHA DA MARIA

Certo dia – *em preparação para a grande viagem da Exploração* – decidi dar um passeio com a minha nau. Tentei convidar os meus amigos, mas cada um deles disse que não, porque estavam todos ocupados, então resolvi ir sozinho. Parti no dia seguinte, com a intenção de conhecer lugares novos e diferentes.

O mar estava calmo e tudo estava a correr bem, mas de repente olhei para o céu e ao longe estavam-se a formar umas nuvens muito escuras. Começou a ficar muito vento e frio, o barco estava a baloiçar imenso. Não consegui controlar a direção.

Como não conseguia controlá-lo, fui embater numa rocha, que fez com que a proa do barco se partisse. Surgiu água dentro do barco e tive de o abandonar. Comecei a nadar para uma ilha que avistei ao longe.

Cansado, finalmente cheguei! Após algum tempo de repouso, decidi ir explorar aquele lugar desconhecido. Vi um rio enorme que tinha vários peixes, avistei também uma casa muito velha, milhares de árvores e muitas flores verdes e amarelas.

Dirigi-me à casa que tinha visto, abri a porta e perguntei muito alto se estava lá alguém. Não ouvi ninguém, por isso entrei na casa, mas assim que entrei, ouvi um murmuro:

– Estou aqui!

Aproximei-me e vi uma senhora idosa sentada numa cadeira de baloiço. Logo lhe perguntei como se chamava e ela respondeu-me Maria.

Desde esse dia, ficámos grandes amigos e, juntos, fizemos algumas expedições pela ilha. Fiquei a conhecer a fauna e a flora daquela região, era diferente do que eu estava habituado a ver.

O tempo foi passando e como tinha perdido o meu barco, tive de regressar a casa com um outro barco, que fui construindo, durante o tempo que estive na ilha.

Quando voltei para casa, encontrei-me com os meus amigos e contei-lhes as aventuras que eu e a Maria tínhamos vivido.

{Passado algum tempo integrei a Exploração com os meus amigos e tive outras aventuras...}

A ILHA DOS PIRATAS

Chegámos a uma ilha que não conhecíamos e quisemos ir explorá-la. Cada um foi por um sítio diferente da ilha, para assim a ficarmos a conhecer melhor.

A mim calhou-me a parte Norte da ilha. Quando lá cheguei vi umas pessoas que se vestiam de forma diferente, eram piratas. No início tive medo de me aproximar, mas um deles apercebeu-se da minha presença e foi ter comigo.

Levou-me para junto dos outros e depois de me observarem com muita atenção, fizeram-me várias perguntas até chegarem à conclusão de que eu era inofensivo e que só pretendia explorar a ilha. Então, ficámos amigos e eles ensinaram-me as suas técnicas de “sacar” tesouros, fazer mapas e escondê-los nos sítios mais seguros.

Depois do nosso amistoso convívio convidaram-me para ir com eles dar uma volta de barco. Passado algum tempo em alto mar, como não encontrámos nenhum barco para saquear e como já estava a anoitecer, decidimos voltar para a ilha. Quando lá chegamos, esperava-nos um delicioso banquete feito pelas mulheres dos piratas.

Após algum tempo de convívio, despedi-me deles, agradecendo-lhe tudo o que me tinham feito. Dirigi-me ao barco onde já estava toda a tripulação à minha espera e curiosos para saber como tinha sido a minha descoberta. Eu também estava ansioso por os ouvir.

Assim partimos rumo a outros destinos.

A ILHA MEGA

Quem imaginaria que eu, um simples explorador poderia alguma vez fazer parte da comitiva da grande Exploração?

A nau, já velha, mas bastante resistente levou-nos por mares revoltos e climas zangados. Atracámos a embarcação numa ilha. Era uma terra selvagem. Olhei e, ao longe, vi um planalto coberto de relva e lindas flores, mas do outro lado do planalto havia uma floresta negra e assustadora. Bastou lá entrar para ouvir uns sons estranhos. O que seriam?

Encontrei um ser misterioso que estava escondido num arbusto. Perguntei-lhe como é que se chamava e ele tinha um nome muito estranho: Mega Bob Sombrio. Ao ouvir este nome, fiquei com arrepios, mas curioso. Parti daquele sítio, para ir descobrir novos locais e seres, e, a criatura continuou a perseguir-me.

Depois de andar muito, por fim encontrei uma coisa, mas não uma coisa vulgar. Era um vulcão e estava em erupção. Não me atrevi a por lá um pé sequer. De repente, a lava começou a transbordar e eu fugi, mas perdi-me e a tal criatura de nome estranho, mas amistosa ajudou-me, levando-me por locais de tirar o folego e com uma natureza jamais vista.

Agradei-lhe e perguntei se queria ir comigo. Disse que não. A ilha era a sua casa. Essa ilha será lembrada como a Ilha Mega. Não sombria, mas “Meganífica”!

Voltei para o barco. Finalmente estava em segurança e alegre por ter descoberto coisas novas e alguém especial.

MAGILÂNDIA

Ia no barco com os meus companheiros quando, de repente, veio uma tempestade horrível que fez com que o barco afundasse. Vivemos momentos complicados, mas conseguimos salvar-nos.

No dia seguinte acordámos num território muito extenso, devia ter mais de 197 km de comprimento e ficava no meio do Oceano. Então decidimos dividir-mo-nos, e ir explorá-lo.

Os meus navegadores foram investigar as outras partes do território, enquanto eu ia explorar uma montanha ali perto da costa. Quando ia mais ou menos a meio da montanha, encontrei um animal que tinha cinquenta e dois metros e que tinha seis cores: azul, castanho, vermelho, verde, preto e branco. Era muito estranho!

Quando estava no cimo do monte vi uma sequoia de 464 metros. Vi também uma planta aos quadrinhos brancos, pretos, azuis e castanhos, tinha 19 metros. Tudo era grande!

Quanto desci o monte vi o marinheiro Manel. Ele disse que tinha visto uma casa com uma sombra lá dentro. Então, fui até lá com ele e perguntei:

– Está aí alguém?

Ouvimos uma voz estranha que exclamou:

– Shuí Zái náli?

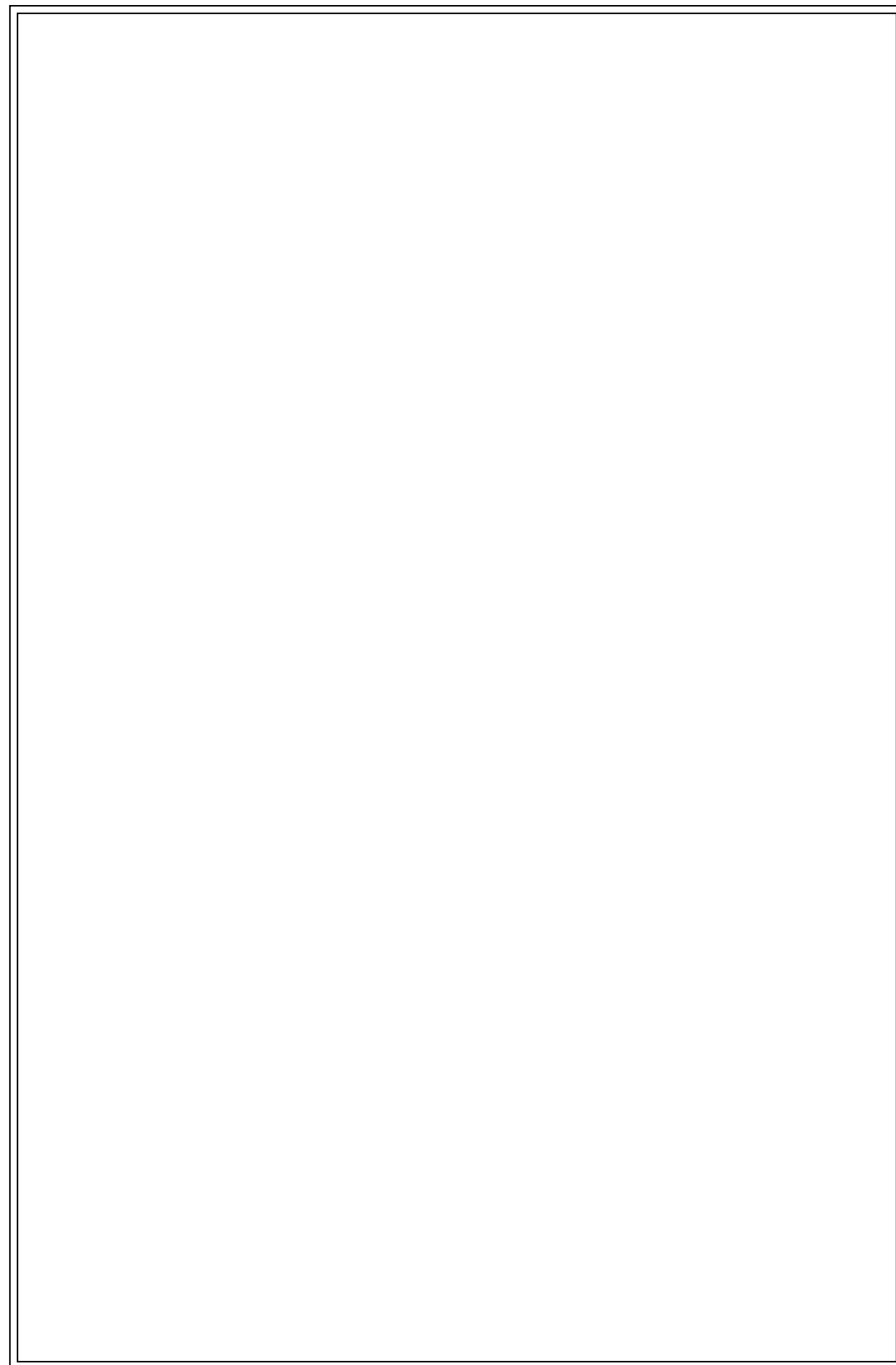
Como não o percebemos, pensámos que era chinês. E logo o marinheiro Manel questionou:

– O que ele está a dizer?

Decidimos entrar na casa. Ele estava sentado no sofá. Apresentei-me. Ele respondeu. Disse que era chinês, mas que também falava português. Logo lhe pedi que nos guiasse por aquele lugar e nos mostrasse o que de mais importante por ali havia.

Passado algum tempo e já cansados, despedimo-nos dele e fomos ao encontro dos outros tripulantes. Em conjunto, construímos um barco que nos levasse para outras terras longínquas. E assim foi durante várias semanas!

Quando partimos decidimos batizar aquela ilha de “A Magilândia”.



O projeto "O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães", realizado com alunos dos 3.º e 4.º anos do Agrupamento de Escolas Grão Vasco (Viseu), é uma iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu, por ocasião dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.